

Ciências da Saúde: Teoria e Intervenção 2

Marileila Marques Toledo
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

Ciências da Saúde: Teoria e Intervenção 2

Marileila Marques Toledo
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	<p>Ciências da saúde [recurso eletrônico] : teoria e intervenção 2 / Organizadora Marileila Marques Toledo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-007-0 DOI 10.22533/at.ed.070202304</p> <p>1. Ciências da saúde – Pesquisa – Brasil. 2. Saúde – Brasil. I. Toledo, Marileila Marques.</p> <p style="text-align: right;">CDD 362.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Ciências Saúde: Teoria e Intervenção” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos, alicerçados teoricamente, para a construção do conhecimento, de forma a contribuir para intervenções transformadoras neste campo.

A intenção do livro é apresentar a pluralidade de teorias e de intervenções de forma didática e útil aos vários profissionais, pesquisadores, docentes e acadêmicos da área da saúde. Trata-se de um compilado de cento e dois artigos de variadas metodologias e encontra-se estruturado em cinco volumes.

Neste segundo volume, os 25 capítulos abrangem temas relacionados às doenças crônicas, às doenças agudas e a outros agravos à saúde.

Deste modo, esta obra apresenta resultados teóricos bem fundamentados e intervenções realizadas pelos diversos autores. Espera-se que este e-book possa contribuir para uma atuação mais qualificada nas ciências da saúde.

Uma ótima leitura a todos!

Marileila Marques Toledo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EXPERIÊNCIA DA DOENÇA CRÔNICA E A ABORDAGEM BIOGRÁFICA: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SABER COMPARTILHADO	
Camila Aloisio Alves Anne Dizerbo	
DOI 10.22533/at.ed.0702023041	
CAPÍTULO 2	13
APENDICITE AGUDA: RECÉM-NASCIDOS AO INÍCIO DA FASE ADULTA	
Victor Campos de Albuquerque Vicente Clinton Justiniano Flores Ibrahim Andrade da Silva Batista Laércio Soares Gomes Filho Leticia Vezneyan Povia Dalida Bassim El Zoghbi Murilo Guarino Carneiro Cláudio Henrique Himauari Renato Gomes Catalan Eduardo Cruz Sorte Pollara Maria Gracioneide dos Santos Martins Victor Guedes Gazoni	
DOI 10.22533/at.ed.0702023042	
CAPÍTULO 3	23
ASSOCIAÇÃO ENTRE O USO DE HIDROCLOROTIAZIDA E O DESENVOLVIMENTO DE MELANOMA	
André Chaves Calabria Alana Vechiato Kempfer Bianca Sousa Fernandes Claudia Spaniol Gabrielle Ferreira Graziela Társis Araújo Carvalho Isadora Werner Macedo Luana Limas de Souza Nichollas de Lorenzi Carvalho Talita Granemann Mello	
DOI 10.22533/at.ed.0702023043	
CAPÍTULO 4	29
ATIVIDADE FÍSICA E BARREIRAS ENFRENTADAS POR IDOSOS DIABÉTICOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	
Marcelo Kühne de Oliveira Sponchiado Elza de Fátima Ribeiro Higa Carlos Alberto Lazarini	
DOI 10.22533/at.ed.0702023044	
CAPÍTULO 5	41
AVALIAÇÃO DA PROTEÍNA ANTI-INFLAMATÓRIA ANEXINA A1 EM MODELO DE DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA INDUZIDA POR EXPOSIÇÃO À FUMAÇA DO CIGARRO	
Lucas Possebon Sara de Souza Costa Helena Ribeiro Souza	

Ariane Harumi Yoshikawa
Melina Mizusaki Iyomasa-Pilon
Sonia Maria Oliani
Ana Paula Girol

DOI 10.22533/at.ed.0702023045

CAPÍTULO 6 62

CARCINOMA ESPINOCELULAR POUCO DIFERENCIADO INVASIVO DE SACO LACRIMAL:
RELATO DE CASO

Anne Nathaly Araújo Fontoura
Maria Eduarda Andrade e Andrade
Adriana Leite Xavier Bertrand
Rafael Pereira Camara de Carvalho
Thais Costa Alves
Jéssica Estorque Farias
Gabriel Costa Ferreira Andrade
Amanda Angelo Pinheiro
Thamires Gomes Mendes
Rodrigo Sevinhago
Nathalia Farias Pereira
Ana Letícia Feitosa Lima Lisboa

DOI 10.22533/at.ed.0702023046

CAPÍTULO 7 73

CLASSIFICAÇÃO DA CARGA BACILÍFERA E DO PADRÃO DE RESISTÊNCIA DO *Mycobacterium tuberculosis* EM CASOS NOTIFICADOS EM UM CENTRO DE SAÚDE DE SÃO LUÍS-MA

Natielly Santos Gonçalves
Maira da Cruz Silva
Juliana Maria Coelho de Meneses
Fernanda Costa Rosa
Francielle Costa Moraes

DOI 10.22533/at.ed.0702023047

CAPÍTULO 8 78

CONCEITOS BÁSICOS E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE PORTADOR DE
LESÕES DE PELE

Rodrigo Marques da Silva
Débora Dadiani Dantas Cangussu
Clezio Rodrigues de Carvalho Abreu
Amanda Cabral dos Santos
Cristilene Akiko Kimura
Ihago Santos Guilherme
Carla Chiste Tomazoli Santos
Maria Fernanda Rocha Proença
Alice da Cunha Morales Álvares

DOI 10.22533/at.ed.0702023048

CAPÍTULO 9 92

CONHECIMENTO E ATITUDE DAS MULHERES NO RASTREAMENTO DO CÂNCER DE MAMA

Graciney Lopes Gonçalves
Tatiana Frões Fernandes
Victória Gonçalves Ribeiro
Deborah Katheriny Almeida Ribeiro
Christiane Borges Evangelista
Pamêla Scarlatt Durães Oliveira

Ianca Elirrayeth Rocha Mendes
Emilyn Ferreira Santana
Karine Suene Mendes Almeida Ribeiro
DOI 10.22533/at.ed.0702023049

CAPÍTULO 10 102

EFEITOS COLATERAIS NO TRATAMENTO DA EPILEPSIA INFANTIL

Thiago do Nascimento Sousa
Luiz Benedito Faria Neto
Marcella Crystina Ramos Queiroz
Rodrigo Ventura Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.07020230410

CAPÍTULO 11 106

ESCLEROSE MÚLTIPLA: DO DIAGNÓSTICO AO TRATAMENTO

Laís Rocha Lima
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas
Rafael Everton Assunção Ribeiro da Costa
Andréa Pereira da Silva
Cristiano Ribeiro Costa
Francisco Wagner dos Santos Sousa
Raimunda Maria da Silva Leal
Hisla Silva do Nascimento
Maria Divina dos Santos Borges Farias
Douglas Bento das Chagas
Berlanny Christina de Carvalho Bezerra
Aniclécio Mendes Lima
Tarcis Roberto Almeida Guimaraes
Alessandro Vinicius Cordeiro Feitosa
Ellen Saraiva Pinheiro Lima
Álvaro Sepúlveda Carvalho Rocha
José Wiliam de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.07020230411

CAPÍTULO 12 114

EVIDÊNCIAS DA CONVIVÊNCIA DO INDIVÍDUO QUE VIVENCIA A DOENÇA RENAL CRÔNICA COM O ACESSO VASCULAR PARA TERAPIA DIALÍTICA

Brunno Lessa Saldanha Xavier
Suellen Gonçalves Maia
Virgínia Fernanda Januário
Rodrigo Leite Hipólito

DOI 10.22533/at.ed.07020230412

CAPÍTULO 13 129

EXERCÍCIO FÍSICO EM PACIENTES DIALISADOS E SEUS BENEFÍCIOS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Lucas de Oliveira Lima
Caroliny Cristina Bonane Fernandes
Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.07020230413

CAPÍTULO 14 140

FPIES - SÍNDROME DA ENTEROCOLITE INDUZIDA POR PROTEÍNA ALIMENTAR

Nilson Lima Araujo Guiotoku
Kayro Tavares Bezerra
Nick Jitsson Jurado Martinez
Sofia de Araújo Jácomo
Raquel Prudente de Carvalho Baldaçara

DOI 10.22533/at.ed.07020230414

CAPÍTULO 15 146

HISTÓRIA DE OTITE MÉDIA CRÔNICA COMO FATOR DE RISCO PARA ALTERAÇÕES NO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL, ATRASO DE FALA E LINGUAGEM: UMA OPÇÃO DE AVALIAÇÃO

Priscila Carlos
Luciana Lozza de Moraes Marchiori
Gisele Senhorini
Samuel Lopes Benites
Giovana Paladini Moscatto
Glória de Moraes Marchiori

DOI 10.22533/at.ed.07020230415

CAPÍTULO 16 156

IDADE CRONOLÓGICA E MARCADORES DE RIGIDEZ VASCULAR: UM ESTUDO NÃO-INVASIVO

Larissa Braga Mendes
Karisia Santos Guedes
Thais Campelo Bedê Vale
Hugo Fragoso Estevam
Lara Aires Castro
Matheus Pessoa Colares
Miguel Ângelo Dias de Moraes Soares Lima
Eduardo César Diniz Macedo
Lais Cunha dos Reis

DOI 10.22533/at.ed.07020230416

CAPÍTULO 17 162

MECANISMO DE PERDA DE MASSA MUSCULAR EM CRIANÇAS COM DOENÇA RENAL CRÔNICA

Sylvia Rannyelle Teixeira Lima
João Kennedy Teixeira Lima
Antônio Leonel de Lima Junior

DOI 10.22533/at.ed.07020230417

CAPÍTULO 18 175

NARRACIONES DE LA PERCEPCIÓN DEL RIESGO CARDIOVASCULAR EN EL ANTECEDENTE DE DIABETES GESTACIONAL

Paula Jisetd Diaz Moncada
Katya Anyud Corredor Pardo

DOI 10.22533/at.ed.07020230418

CAPÍTULO 19 192

OS GASTOS DO SUS COM OS PACIENTES INTERNADOS POR DIABETES MELLITUS EM UM HOSPITAL PÚBLICO DE UM MUNICÍPIO NO CENTRO OESTE MINEIRO

Patrícia Aparecida Tavares
Viviane Gontijo Augusto
Virginia Vitalina de Araújo e Fernandes Lima

CAPÍTULO 20 204

PACIENTE COM DESCOMPENSAÇÃO DE MÚLTIPLAS COMORBIDADES E SEPSE DE FOCO CUTÂNEO COM CURSO CLÍNICO DESFAVORÁVEL ADMITIDA EM CUIDADOS PALIATIVOS

Hiorrana Sousa Dias
Lucas de Menezes Galvão
Thanamy de Andrade Santos
Isadora Maria Praciano Lopes
Filadelfo Rodrigues Filho
Frederico Carlos de Sousa Arnaud

DOI 10.22533/at.ed.07020230420

CAPÍTULO 21 207

PADRÃO DE BRUGADA VERSUS SÍNDROME CORONARIANA AGUDA: UMA CONFUSÃO DIAGNÓSTICA

Thais Campelo Bedê Vale
Karisia Santos Guedes
Larissa Braga Mendes
Eduardo César Diniz Macedo
Lara Aires Castro
Lais Cunha dos Reis
Hugo Fragoso Estevam
Miguel Ângelo Dias de Moraes Soares Lima
Matheus Pessoa Colares

DOI 10.22533/at.ed.07020230421

CAPÍTULO 22 214

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE TUBERCULOSE NOTIFICADOS EM MONTES CLAROS – MG

Maria Santa Oliveira Figueiredo
Sandra Rodrigues de Oliveira Machado
Thiago Raphael Almeida Ribeiro
Leila das Graças Siqueira
Fernanda Cardoso Rocha
Nadine Antunes Teixeira
Queren Hapuque Almeida Gonçalves Muniz
Karine Suene Mendes de Almeida Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.07020230422

CAPÍTULO 23 225

SENTIMENTOS NA ADAPTAÇÃO À DOENÇA REUMÁTICA

Maria do Céu Sá
Ana Sofia Nabais

DOI 10.22533/at.ed.07020230423

CAPÍTULO 24 234

SÍNDROME DE COCKAYNE, UM RELATO DE CASO EM PALMAS - TO

Luiz Alexandre Davi de Carvalho
Rafael Pinto Nogueira
Nelson Tsukuda Filho
Nilson Lima Araujo Guiotoku
Kayro Tavares Bezerra
Nick Jitsson Jurado Martinez
Raquel Prudente de Carvalho Baldaçara

CAPÍTULO 25 238

UM BREVE OLHAR SOBRE A INFLUÊNCIA DA MEDITAÇÃO NO CONTROLE DA PRESSÃO ARTERIAL

Thiago Remotto Domiciano
Natali Oliveira e Silva
Sandra Cristina Marquez
Milene Ribeiro Duarte Sena
Eduardo Vignoto Fernandes
Mayara Bocchi
Elidiane Moreira Kono
André Mota Pereira
Djane Dantas de Lima
Luiz Fernando Gouvea-e-Silva

DOI 10.22533/at.ed.07020230425

SOBRE A ORGANIZADORA..... 245

ÍNDICE REMISSIVO 246

CONHECIMENTO E ATITUDE DAS MULHERES NO RASTREAMENTO DO CÂNCER DE MAMA

Data de aceite: 13/04/2020

Estadual de Montes Claros

<http://lattes.cnpq.br/9550653195255514>

Graciney Lopes Gonçalves

Faculdades Unidas do Norte de Minas

<http://lattes.cnpq.br/9115700896532411>

Tatiana Fróes Fernandes

Universidade Estadual de Montes Claros

<http://lattes.cnpq.br/5864697210845245>

Victória Gonçalves Ribeiro

Faculdades Unidas do Norte de Minas

<http://lattes.cnpq.br/9954978595471848>

Deborah Katheriny Almeida Ribeiro

Universidade Federal de São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/2386426271561582>

Christiane Borges Evangelista

Faculdades Unidas do Norte de Minas/
Universidade Estadual de Montes Claros

<http://lattes.cnpq.br/7576653057874932>

Pamêla Scarlatt Durães Oliveira

Faculdades Unidas do Norte de Minas/
Faculdades de Saúde Ibituruna

<http://lattes.cnpq.br/2728664542551111>

Ianca Elirrayeth Rocha Mendes

Faculdades Unidas do Norte de Minas

<http://lattes.cnpq.br/3394328354180764>

Emilyn Ferreira Santana

Faculdades Unidas do Norte de Minas

<http://lattes.cnpq.br/2920665955198821>

Karine Suene Mendes Almeida Ribeiro

Faculdades Unidas do Norte de Minas/
Faculdades de Saúde Ibituruna/ Universidade

RESUMO: Objetivo: Identificar o conhecimento e a atitude de mulheres, na faixa etária de 40 a 69 anos, em relação à prevenção do câncer de mama. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, transversal com abordagem quantitativa realizada com 32 mulheres que estavam cadastradas na estratégia saúde da família de um município do Norte de Minas Gerais. Para coleta de dados utilizou-se um questionário validado e adaptado para identificar ações de rastreamento e detecção de neoplasia de mama. As variáveis analisadas foram descritas por frequências absolutas e relativas. Este estudo foi submetido e aprovado no comitê de ética em pesquisas das Faculdades Unidas do Norte de Minas através do parecer 2.186.047. **Resultados:** Apenas 3,13% das mulheres entrevistadas sabiam a idade correto para o início do rastreamento através da mamografia, 65,4% delas fizeram a mamografia nos últimos dois anos e 21,88% desconhecem a importância deste exame. **Conclusão:** É necessário intensificar as atividades de promoção e prevenção de saúde em relação ao câncer de mama, visto que o

diagnóstico precoce favorece o tratamento e o prognóstico das mulheres acometidas pelo câncer de mama.

PALAVRAS-CHAVE: Neoplasias de mama; Promoção de saúde; Prevenção de doenças.

WOMEN'S KNOWLEDGE AND ATTITUDE IN BREAST CANCER SCREENING

ABSTRACT: Objective: identifying the knowledge and attitude of the women, aged 40 to 69 years old, regarding the breast cancer prevention. **Materials and Methods:** This is a descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach accomplished with 32 women who were enrolled in the family health strategy of a municipality in the northern of Minas Gerais. For data collection we used a validated and adapted questionnaire to identify the actions for screening exam and detection of the breast cancer. The variables analyzed were described by absolute and relative frequencies. This study was submitted to and approved by the Research Ethics Committee of the United Colleges of the Northern of Minas, through its opinion 2,186,047. **Results:** Only 3.13% of the women interviewed knew the correct age to start the screening exam by mammography, 65.4% of them had done the mammogram in the last two years and 21.88% are unaware of the importance of this test exam. **Conclusion:** It is necessary to intensify the health promotion and prevention activities in regarding to the breast cancer, since the early diagnosis favors the treatment and prognosis of the women with the breast cancer.

KEYWORDS: Breast neoplasms; Health promotion; Prevention of diseases.

INTRODUÇÃO

O câncer de mama é o segundo câncer com maior incidência entre mulheres no mundo, foi estimado 2,1 milhões de casos novos de câncer e 627 mil óbitos pela doença, no ano de 2018. No Brasil, as estimativas de incidência de câncer de mama para o ano de 2019 são de 59.700 casos novos, o que representa 29,5% dos cânceres em mulheres, excetuando-se o câncer de pele não melanoma (INCA, 2019).

Recentes avanços da tecnologia e na biologia molecular demonstraram o entendimento do processo de carcinogênese e a relação desta com os fatores externos e internos, ficando claro que a prevenção é a principal ferramenta que pode impedir o aparecimento do tumor. Metade dos tumores de mamas pode ser explicado por fatores de risco conhecidos, como uma maior exposição da mulher ao estrogênio, ou seja, menarca precoce, menopausa tardia, idade avançada da primeira gestação e doenças proliferativas da mama e história familiar positiva para câncer de mama em parentes de primeiro grau (VIEIRA, 2017; INCA, 2019).

Além disso, alguns fatores como cor da pele branca, idade e gênero feminino também são fatores de riscos internos. A incidência de câncer de mama aumenta conforme a idade avança, especialmente acima dos 50 anos, é 100 vezes mais frequente em mulheres que em homens e embora seja o tumor mais comum em todas as etnias, a uma maior frequência em mulheres brancas (VIEIRA, 2017).

Dentre os fatores de riscos externos ou modificáveis a obesidade, definida por $IMC > 30 \text{ kg/m}^2$, está associada com uma maior morbimortalidade em pacientes com câncer de mama. Na pós-menopausa, o excesso de peso é considerado fator de risco para o desenvolvimento da doença e pode ser explicado pelos níveis estrogênicos elevados resultantes da conversão periférica no tecido adiposo. Por conseguinte, na pré-menopausa o excesso de peso confere um risco menor na incidência de câncer de mama e a explicação para esse fato permanece incerta. Também o consumo de álcool e tabagismo aumenta o risco de câncer de mama. A prática regular de atividade física, a amamentação e a alimentação saudável, incluindo a ingestão de frutas e verduras, peixes e azeite de oliva são fatores de proteção para o câncer de mama (VIEIRA, 2017; AZEVEDO *et al*, 2017).

O aprimoramento do diagnóstico, o tratamento local e o tratamento sistêmico para o câncer de mama também ocorreram de forma rápida a partir do avanço da tecnologia, devido um maior conhecimento da história natural da doença e das características moleculares dos tumores. Assim, o planejamento de estratégias de controle do câncer de mama através do diagnóstico precoce é fundamental. Quanto mais cedo um tumor invasivo é detectado e o tratamento é iniciado, maior a probabilidade de cura. Assim, ações vêm sendo implementadas a fim de diagnosticar e tratar o câncer nos estágios iniciais (INCA, 2019).

O diagnóstico precoce para o câncer de mama, de acordo com INCA (2015) é realizado através de rastreamento, melhoria de hábitos de vida, controle da obesidade, sedentarismo, alimentação gordurosa e não ingestão alcoólica. No Brasil, o rastreamento para mulheres de baixo risco para o câncer de mama é realizado conforme preconizado pela Organização Mundial de Saúde, ou seja, mamografia bianual entre 50 e 69 anos de idade.

Desta forma, foram propostas pelo ministério da saúde três estratégias para o diagnóstico precoce do câncer de mama, que devem ter seus resultados monitorados. A saber: detecção de nódulo mamário suspeito na atenção primária, conscientização da população sobre sinais de alerta acompanhada de melhoria de acesso desses casos à atenção primária e confirmação diagnóstica, por meio de instituição de regulação clínica de vagas e de concentração da investigação diagnóstica em centros de referência, têm o potencial de vencer diversas barreiras de acesso e de melhorar o prognóstico dessas pacientes (MIGOWSKI *et al*, 2018).

Em 2011 o Ministério da Saúde lançou metas para intensificar as ações

de controle ao câncer de mama nos estados e municípios, com investimentos técnicos e priorização de financiamentos, com o propósito de controlar o câncer de mama. Foi implantada desta forma a gestão da qualidade para mamografia com priorização das ofertas de mamografia na população alvo e ampliação do acesso ao tratamento de câncer (INCA, 2018). Neste sentido, a atenção primária é primordial, pois é ela que busca esclarecer e realizar os primeiros contatos com a população, consolidando-se como porta de entrada dos serviços de saúde e gestora da rede de atenção (INCA, 2015).

Segundo Inca (2019) é importante que os profissionais de saúde que atuam na atenção primária sensibilizem as mulheres sobre a prevenção dos riscos em relação a esta patologia, avaliando e quantificando os riscos sobre os quais as mulheres estão expostas. Assim, as mesmas deverão estar aptas às informações sobre a prevenção de riscos, pois através desse conhecimento poderão mudar seus estilos de vida.

Assim, o objetivo deste estudo foi identificar o conhecimento e a atitude de mulheres, na faixa etária de 40 a 69 anos, em relação à prevenção do câncer de mama.

MATERIAIS E MÉTODO

Este é um estudo do tipo descritivo e transversal com abordagem quantitativa. A coleta de dados foi realizada em um município de Minas Gerais, que tem uma população de 4369 habitantes e índice de desenvolvimento humano de 0,625 (IBGE, 2019), com 32 mulheres com idade entre 40 e 69 anos, moradoras e cadastradas nas equipes de saúde da família do município, foram excluídas da amostra mulheres que tiveram câncer de mama, ou que estão em tratamento, aquelas que não aceitaram participar do estudo e que possuíam déficit cognitivo. Para a seleção da amostra considerou-se coeficiente de confiança de 95% e erro amostral de 10%.

As entrevistas para coleta de dados foram realizadas no próprio domicílio das mulheres. Utilizou-se um instrumento para identificar ações de rastreamento e detecção de neoplasia de mama, validado por Marques, Figueiredo e Gutierrez (2015). As mulheres foram selecionadas seguindo os critérios da amostragem aleatória simples (GIL, 1987), através de um sorteio entre as mulheres cadastradas nas equipes de saúde da família do município.

Todas as etapas do estudo foram fundamentadas na Resolução 466/2012. Assim, este estudo foi submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisas das Faculdades Unidas do Norte de Minas pelo parecer 2.186.047.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 mostra a distribuição das mulheres de acordo com as características sociodemográficas. Observa-se que 62,50% delas eram casadas e 21,88% viúvas, a raça parda representou 78,13% da amostra, em relação à escolaridade 50% concluíram o ensino fundamental e 31,25% eram analfabetas, 46,88% são mulheres aposentadas e 68,75% trabalham em atividades de serviços gerais. Estudos mostram que as condições socioeconômicas, o confinamento geográfico e as distintas modalidades de acesso individual aos serviços de saúde levam ao aparecimento de barreiras prejudiciais à descoberta precoce das neoplasias e consequente atraso do início do tratamento e piora do prognóstico (CABRAL *et al*, 2019).

Variáveis	N	%
Estado Civil		
Solteira	3	9,38%
Casada	20	62,50%
Viúva	7	21,88%
Separada/divorciada	2	6,26%
Raça/cor		
Branca	3	9,38%
Negra	4	12,50%
Parda	25	78,13%
Escolaridade		
Analfabeta	10	31,25%
Fundamental completo	16	50,00%
Fundamental incompleto	3	9,38%
Ensino médio completo	2	6,25%
Ensino médio incompleto	1	3,13%
Atividade remunerada		
Sim	14	43,75%
Não	3	9,38%
Aposentada	15	46,88%
Ocupação		
Do lar/casa	10	31,25%
Auxiliar de Serviços Gerais	22	68,75%

Tabela 1. Perfil das mulheres entrevistadas em relação às condições sociodemográficas, Montes Claros.MG, Novembro de 2017 (n=32).

Fonte: Dados do estudo

Quanto às mulheres com risco elevado, o Ministério da Saúde inclui aquelas com história familiar de câncer de mama em parente de primeiro grau antes dos 50 anos ou de câncer bilateral ou de ovário em qualquer idade; história familiar

de câncer de mama masculino; e diagnóstico histopatológico de lesão mamária proliferativa com atipias ou neoplasia lobular in situ. Estas mulheres devem ter seu acompanhamento individualizado (AZEVEDO *et al*, 2019).

A tabela 02 denota que das mulheres entrevistadas 9,38% tinham algum parente que teve câncer de mama ou de ovário. O fator hereditário aumenta em 10% o risco desta mulher desenvolver câncer de mama, e são atribuídos às mutações genéticas nos genes BRCA1 e BRCA2. Desta forma, o risco de câncer de mama é maior em mulheres com familiares de primeiro grau que tiveram câncer de mama, nesses casos, o risco de ocorrência do câncer de mama praticamente dobra e, quando se trata de dois parentes de primeiro grau, aumenta para cerca de três vezes (INCA, 2019).

Variáveis	N	%
Câncer de Mama e ovário na família		
Mama	2	6,25%
Ovário	1	3,13%
A idade ao descobrir o câncer de mama		
mais que 50 anos	1	3,13%
Menos que 50 anos	2	6,25%
Acometeu uma das mamas ou as duas		
Unilateral	3	9,38%
Bilateral	0	0,00%
Parentesco familiar		
Mãe	2	6,25%
Outro Parentesco	1	3,13%

Tabela 2. Presença de fatores de risco para câncer de mama nas mulheres entrevistadas, Montes Claros. MG, novembro 2017 (n=32).

Fonte: Dados do estudo

Um estudo realizado por de Silva (2017), apontou que em 24,24% das mulheres portadoras de câncer de mama, o pai ou a mãe também tiveram diagnóstico de câncer. A presença de câncer também foi incidente nos avós paternos e avós maternos, sendo que 63,63% e 60,60% apresentaram câncer, respectivamente. Em relação ao conhecimento sobre os fatores de risco para câncer de mama, o estudo de Derenzo (2017) apontou que 22% das entrevistadas relacionaram a idade, gravidez, menstruação e menopausa com o surgimento do câncer de mama e 55% relacionaram ao histórico familiar.

Em mulheres com risco padrão para o câncer de mama, o rastreamento é indicado através da mamografia bianual, iniciada a partir dos 50 até 69 anos de idade. As novas Diretrizes Brasileira para o Rastreamento do Câncer de Mama contra indicam a realização do exame clínico de mamas (ECM) e o autoexame de

mamas (AEM) para rastreamento (INCA, 2015).

O ECM é usado como método tanto diagnóstico quanto de rastreamento. Como método diagnóstico, é realizado por médico para diagnóstico diferencial de lesões palpáveis da mama, constituindo uma complementação na investigação de doenças mamárias e primeiro método de avaliação diagnóstica na atenção primária à saúde. Como rastreamento, é um exame de rotina realizado por profissional capacitado, geralmente o médico ou enfermeiro, em mulheres sem sinais ou sintomas suspeitos de câncer de mama. Embora tivesse um papel consagrado como método diagnóstico, as Novas Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer de Mama contra indicam este método, por não haver estudos conclusivos sobre a eficácia deste método (INCA, 2015).

Evidências científicas demonstraram que a mamografia iniciada antes dos 50 anos traz mais danos do que benefícios, ou seja, o risco de morte associado ao rastreamento nessa faixa etária é semelhante ao possível benefício de aumento de sobrevida. Existem ainda outros impactos negativos na qualidade de vida de uma parcela importante de mulheres submetidas ao rastreamento, como aumento dos excessos de diagnósticos e tratamentos desnecessários, bem como o risco de câncer radioinduzido nesta população, sobretudo quando a mamografia é realizada anualmente. Em relação a mulheres maiores de 70 anos os danos relacionados ao sobrediagnóstico e sobretratamento tende a aumentar em função das causas competitivas de mortalidade, mesmo em contextos nos quais a expectativa de vida é maior do que a brasileira (INCA, 2015).

O AEM é o procedimento em que a mulher observa e apalpa as próprias mamas e suas estruturas acessórias com vistas a detectar mudanças ou anormalidades que possam indicar a presença de um câncer. Recomenda-se que a periodicidade do AEM seja uma vez por mês e uma semana após o término da menstruação, caso a mulher esteja no período reprodutivo. Durante muito tempo esta técnica foi altamente difundida como meio de diagnóstico precoce do câncer de mama, porém devido a baixa acuidade do exame, as Novas diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer de Mama não recomendam esta prática como método de rastreamento do câncer de mama. Esta prática pode ser difundida como estratégia de conscientização, pois a orientação da população feminina sobre as mudanças habituais das mamas em diferentes momentos do ciclo de vida e a divulgação dos principais sinais e sintomas do câncer de mama estimula as mulheres a buscarem esclarecimento dos serviços de saúde em relação a alguma alteração suspeita nas mamas (INCA, 2015).

Estudo realizado por Silva e Montanha (2019), demonstraram que 72% das mulheres descobriram o câncer de mama pelo autoexame das mamas e 18% pela mamografia. Conjuntamente os resultados do estudo apontaram que 80% realizaram

consultas de rotina e 36% relataram que em nenhum momento realizou exames clínico das mamas. A maioria das participantes conhecia (93,3%) e mostrou atitude (95,9%) em relação ao autoexame das mamas. Ademais, 83,3% das mulheres da pesquisa relataram realizar o autoexame das mamas rotineiramente.

A tabela 3 mostra que apenas 3,13% das mulheres deste estudo realizou a primeira mamografia após 50 anos de idade, sendo que 28,3% iniciaram o rastreamento anterior aos 40 anos. Destas mulheres, 50% referiram uma periodicidade bianual para realização da mamografia e em relação ao ano que realizou a última mamografia 9,38% referiram ser em 2017; 3,13 em 2011. Em relação ao autoexame 75% tem conhecimento e 93,75% examinam suas mamas através do AEM, sendo que 31,25% realizam mensalmente e 59,38% esporadicamente.

O estudo de Silveira *et al*, (2019) corrobora com os resultados deste estudo em relação a periodicidade na realização da mamografia, 57,8% das mulheres participantes do estudo realizam mamografia a cada dois anos.

Variáveis	N	%
Idade que deve fazer a primeira mamografia		
Não sabe	7	21,88%
Sim, antes dos 40 anos	9	28,13%
Sim, após 40 anos	15	46,88%
Sim, após 50 anos	1	3,13%
Periodicidade para o exame mamografia		
Anualmente	5	15,63%
A cada 2 anos	16	50,00%
a cada 3 anos	1	3,13%
> 3 anos	1	3,13%
Não faz	5	15,63%
Não recorda	4	12,50%
Nos últimos 4 anos, quando foi a última mamografia		
2011	1	3,13%
2014	2	6,25%
2015	9	28,13%
2016	9	28,13%
2017	3	9,38%
Não recorda	8	25,00%
Principal motivo para a realização do exame de mamografia		
Casos de câncer de mama em familiares	1	3,13%
Percebeu alterações nas mamas	5	15,63%
Solicitação de um profissional	12	37,50%
Propaganda ou campanha	6	18,75%
Outro motivo	2	6,25%
Não recorda	6	18,75%
Foi encontrada alguma alteração?		
Sim	5	15,63%

Não	21	65,63%
Não recorda	6	18,75%
Conhecimento autoexame das mamas		
Sim	24	75,00%
Não	8	25,00%
Examine suas mamas:		
Sim	30	93,75%
Não recorda	2	6,25%
Com que frequência examina suas mamas?		
Mensal	10	31,25%
Bimestral	2	6,25%
Trimestral	1	3,13%
Esporadicamente	19	59,38%

Tabela 3. Conhecimento e ações das mulheres entrevistadas sobre a mamografia e autoexame das mamas, Montes Claros-MG (n=32).

Fonte: Dados do estudo.

Embora não sendo recomendado como estratégia de rastreamento do câncer de mama o AEM ainda continuam sendo difundido e constitui uma importante estratégia de conscientização das mulheres para o câncer de mama, conforme demonstraram o resultados do estudo de Soares *et al*, (2017) onde 67,4% das mulheres que tinham o câncer de mama foi detectado pelo AEM.

CONCLUSÕES

Este estudo conclui-se que apesar das mulheres entrevistadas conhecerem as estratégias de prevenção ao câncer de mama, a maioria delas não tem a atitude para prevenção da doença. Este fato pode está relacionado ao baixo nível socioeconômico da população estudada, acompanhado pelo difícil acesso aos serviços de saúde.

Desta forma é necessária a implantação da linha de cuidado da rede de atenção à saúde do câncer de mama com vistas a garantir a integralidade relacionada à organização dos serviços de saúde, mostrando o caminho a ser percorrido nas redes de atenção ao câncer de mama – desde a Estratégia Saúde da Família (ESF) e sempre levando em conta a colaboração interprofissional como recurso de fortalecimento do cuidado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO A. *et al*. O conhecimento de mulheres acerca do rastreamento do câncer de mama e suas implicações. **Rev Med**, São Paulo, 98, 3, 93-187, maio-junho 2019.

CABRAL, A. L. L. V. *et al.* Vulnerabilidade social e câncer de mama: diferenciais no intervalo entre o diagnóstico e o tratamento em mulheres de diferentes perfis sociodemográficos. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 613-622, Fev. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018242.31672016>. Acesso em: 26 Dez. 2019.

DERENZO, N. *et al.* Conhecimento de mulheres sobre fatores relacionados ao câncer de mama. *Revista de enfermagem da UFSM*, v.7, n.3, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

IBGE. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 Nov. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Diretrizes para a detecção precoce do câncer de mama no Brasil**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/livro_deteccao_precoce_final.pdf. Acesso em: 25 dez. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Viva Mulher 20 anos: história e memória do controle do câncer do colo do útero e de mama no Brasil**: catálogo de documentos. Rio de Janeiro: Inca, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **A situação do câncer de mama no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2019.

MARQUES, C. A. V.; FIGUEIREDO, E. N. de; GUTIERREZ, M. G. R. de. Validação de instrumento para identificar ações de rastreamento e detecção de neoplasia de mama. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 28, n. 2, Abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500031>. Acesso em: 26 Dez. 2019.

MIGOWSKI, A. N. *et al.* Diretrizes para detecção precoce do câncer de mama no Brasil. II - Novas recomendações nacionais, principais evidências e controvérsias. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00074817>. Acesso em: 26 Dez. 2019.

SILVA, P. D. L. D. *et al.* Presença de câncer em familiares de primeiro e segundo grau em mulheres com e sem câncer. **XII EVINCI – Evento de iniciação científica**, v.3, n.1, 2017.

SILVA, S. P.; MONTANHA, D. Ações para identificação precoce do câncer de mama. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**, v.16, n.42, 2019.

SILVEIRA, F. D. R. D. *et al.* Sociodemographic and obstetric profile of woman undergoing episiotomy after returning to sexual activity. **Revista de enfermagem da UFPI**, v.8, n.1, 2019.

SOARES, L.S. *et al.* Conhecimento de mulheres sobre medidas de detecção precoce do câncer de mama. **HU revista**, v.43, n.2, 2017.

VIEIRA, S.C. Câncer de mama. **Consenso da Sociedade Brasileira de Mastologia - Regional Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ac2-26 41, 42, 43, 44, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59
Alergia não IgE-mediada 140
Análise de conteúdo 117, 126, 177
AnxA1 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 55, 56, 57, 58
Apendicite 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
Atenção Primária à Saúde 29, 98, 202
Atividade física 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 94, 131, 199
Atrofia muscular 162, 164, 166, 167, 169
Autocuidado 114, 125, 126, 127, 187, 198, 201, 232

B

Brugada 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213

C

Carcinoma de Saco Lacrimal 63
Carcinoma Espinocelular Pouco Diferenciado 62, 63, 65, 67, 69, 71
Cockayne 234, 235, 236, 237
Cuidado paliativo 205

D

Desenvolvimento musculoesquelético 162, 164
Diabetes *Mellitus* 30, 33, 34, 35, 36, 39, 55, 154, 175, 176, 177, 178, 188, 190, 191, 192, 193, 202, 203, 245
Diabetes *Mellitus* Gestacional 175, 176, 177, 191
Doença crônica 1, 2, 8, 11
Doença Renal Crônica 114, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 138, 162, 163, 164, 165, 170
Doença reumática 225, 227, 230, 231, 232
Dor 3, 13, 14, 17, 18, 19, 63, 67, 68, 82, 86, 123, 204, 209, 225, 226, 229, 230, 241

E

Efeitos colaterais 102, 103, 104, 112
Enfermagem 22, 39, 78, 79, 80, 81, 90, 91, 101, 106, 107, 114, 115, 116, 122, 125, 126, 127, 128, 225, 226, 231, 232, 245
Enfermagem em nefrologia 114, 115

Enrijecimento vascular 156, 158
Epidemiologia 142, 198, 203, 212, 215, 224, 232, 235
Epilepsia infantil 102
Esclerose múltipla 106, 107, 109, 110, 112, 113
Estudo de Caso 205
Exercício Físico 36, 38, 39, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138

F

Feridas 20, 79, 80, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91
Fístula Arteriovenosa 114, 115, 121, 123, 126, 127, 128
FPIES 140, 141, 142, 143, 144, 145

H

Hemodiálise 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139
Hidroclorotiazida 23, 24, 25, 26, 27
Hipertensão 36, 39, 43, 65, 117, 131, 154, 201, 204, 239, 240, 241, 242, 244

I

Idosos 29, 30, 31, 32, 34, 37, 38, 39, 77, 154, 155, 161, 227, 240, 241, 243
índice vascular cardio-tornozelo 156, 158, 159

L

LBA 42, 45, 46, 48, 53, 55, 57, 58

M

Meditação 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244
Melanoma 23, 24, 25, 26, 27, 28, 65, 68, 93
Mycobacterium tuberculosis 73, 74, 75, 215, 216

N

Neoplasias de mama 93

O

Otite Média Crônica 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153

P

Perda Auditiva 147, 148, 154, 236
Pesquisa biográfica 1, 4, 5, 11

Pressão radial 156, 158

Processamento Auditivo Central 146, 147, 148, 149, 155

Promoção da saúde 194

R

Reabilitação 71, 107, 109, 112, 130, 131, 132, 134, 135, 137, 225

Reação Gastrointestinal 140

Rifampicina 73, 75, 76, 77

Risco cardiovascular 176, 177

S

Sepse 18, 166, 204, 205

Síndrome coronariana aguda 207, 208, 211, 212

Sistema Único de Saúde 192, 193, 194, 202, 214, 217, 218

T

Tabagismo 37, 41, 42, 55, 56, 94, 108, 211, 223

Tuberculose 73, 74, 75, 76, 77, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

U

Unidades de Terapia Intensiva 205

 **Atena**
Editora

2 0 2 0